

⊙  
ASSASSINO ⊙  
DE ADRIN



PAULA MATTOS

○  
ASSASSINO ○  
DE ADRIN



Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2021  
Copyright © Paula Mattos, 2021

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.  
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de  
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL  
**Lilian Vaccaro**

PRODUÇÃO EDITORIAL  
**Bianca Gulim**

PRODUÇÃO GRÁFICA  
**Giovanna Vaccaro**

PREPARAÇÃO  
**Leiliane Lima**

REVISÃO  
**Bianca Gulim**

CAPA  
**Henrique Morais**

DIAGRAMAÇÃO  
**Michael Vasconcelos**

DADOS  
INTERNACIONAIS  
DE CATALOGAÇÃO  
NA PUBLICAÇÃO  
(CIP)

Mattos, Paula

O assassino de Adrin / Paula Mattos. – 1ª edição – São Paulo: Coerência, 2021

ISBN: 978-65-89850-11-3

1. Ficção brasileira 2. Fantasia I. Título

CDD: 869.3



**São Paulo**

Avenida Paulista, 326,

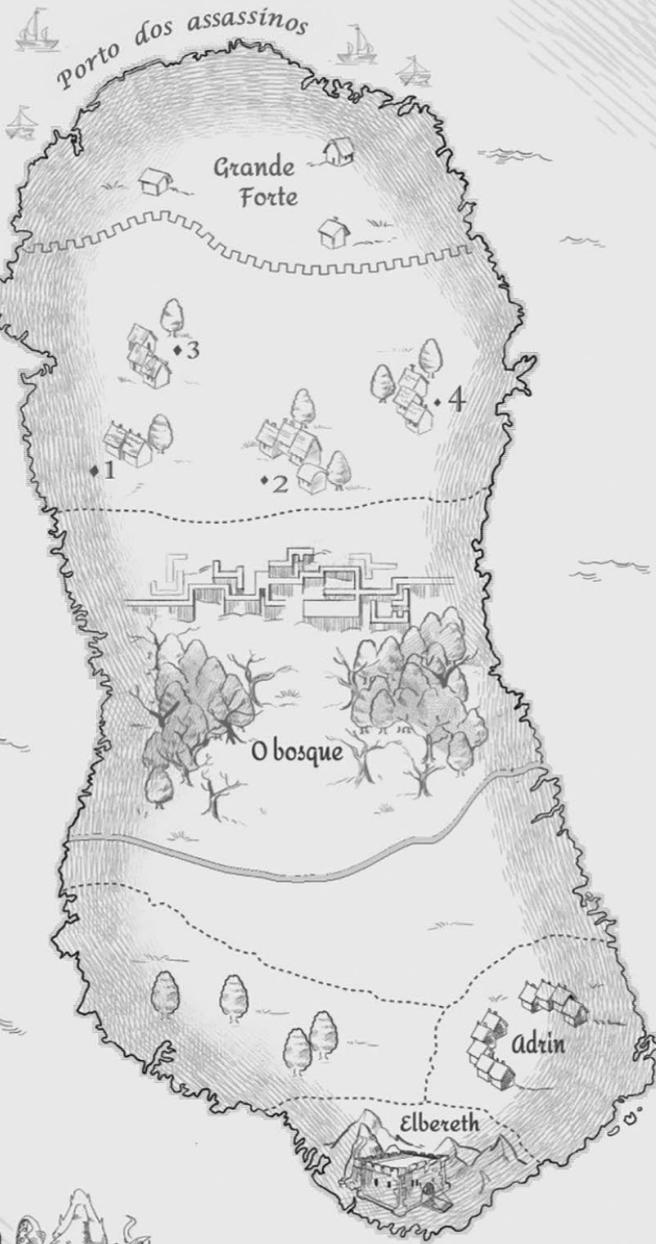
cj 84 - Bela Vista

São Paulo | SP – 01.310-902

[www.editoracoerencia.com.br](http://www.editoracoerencia.com.br)

*Para todas as garotas salvas por histórias — atravessem o bosque.  
E para minha mãe, que me permitiu atravessar o meu.*

# Mar do Norte



1. Almedina
  2. Levante
  3. Liverpool
  4. Gaziel
- Muralha
- Riacho

# Mar do Sul

Hiraecht

# I

Aisha não era uma pessoa boa. Tinha vícios o suficiente para manchar a reputação de qualquer dama — e não pretendia fazer nada para combatê-los —, mas, para sua sorte, não era uma dama. Não era nada nem perto disso. O homem à sua frente limpou o filete de suor escorrendo por sua testa pálida. Ela quase sentiu pena.

— Não tenho a noite inteira, Windler.

O duque franziu seus lábios enrugados. Apostar, por si só, já era uma péssima ideia. Afinal, bons homens não deviam arriscar suas fortunas. Mas apostar contra Aisha era pior ainda.

Os clientes do Merlin observavam a cena de suas mesas. Não ousariam tirar suas bundas das cadeiras aveludadas para tentar salvar o velho calvo. Ele já era um homem perdido, e isso não tinha nada a ver com seu sobrepeso e vício por ópio.

Aisha suspirou, olhando para os ponteiros do enorme relógio de ouro cravado na parede de madeira. Aquilo estava levando tempo demais. Era irritante como homens gostavam de prolongar suas derrotas, como se o tempo pudesse mudar alguma coisa. Olhou ao redor, batendo as unhas afiadas na superfície da mesa polida enquanto o duque se afogava no próprio suor.

O dono da casa de apostas não poupava economias na decoração. Merlin era abarrotado de cortinas e estofados de veludo vermelho. Madeiras, mesas e balcões de mogno escuro estavam espalhados por todo o lugar, reluzentes. Tudo era tentador demais.

Havia damas também. Todas mascaradas e com vestidos finos, andando de um lado para o outro à procura do jovem mais bonito. Aisha era a única mulher sem máscara ali. Não precisava se esconder sob uma, não era como se tivesse uma reputação a zelar. Ao menos não uma reputação de dama.

– Senhorita Aisha...

A loira ergueu uma sobrançelha. *Senhorita?* Ele estava desesperado.

– Você só precisa de um *ás* – disse ela, como se o *ás* não fosse a carta mais alta do jogo. – Renuncie ou aposte o dobro. Não tenho tempo para isso.

– Tenho certeza de que podemos chegar a um acordo se você...

– Renuncie ou aposte o dobro – ela repetiu lentamente. – Não gosto de fazer acordos quando estou vencendo, muito menos quando tentam me convencer a fazê-los.

Windler grunhiu, seu rosto branco ficando vermelho de raiva. Ele ia superar aquilo, ocasionalmente, ou talvez não. Aisha não se importava, na verdade.

– Pois bem, vou renunciar desta vez – grunhiu ele, como se a estivesse fazendo um favor. Windler se reclinou sobre a mesa, e os olhos de Aisha foram atraídos para sua barriga proeminente esbarrando na quina do móvel. – Um dia, vou descobrir seus *truques*, menina – sussurrou.

Aisha lhe lançou um sorriso preguiçoso e pegou as fichas, jogando-as dentro de sua pequena bolsa verde-musgo. Sem mais *senhorita* pelo visto.

– Fico lisonjeada pelo seu afinco, Windler, mas acho que, antes desse dia chegar, meus *truques* já terão o levado à falência.

Levantou-se, fez uma pequena reverência e caminhou até o balcão de trocas, deixando o duque sozinho com seus rosnados. Homens e mulheres mascaradas a observaram cruzar o salão. Alguns deles cochichando, outros franzindo o cenho com resignação.

Metade do lábio de Aisha se curvou para cima. Era difícil ver uma mulher ganhar, pensou. E ela ganhava, todas as vezes.

– Um dia, você ainda vai levar todos os nobres de Adrin à falência – disse Grace do outro lado do balcão – ou vai acabar morta por um deles.

– Vejo preocupação em seu rosto? – Aisha ergueu uma sobrançelha. – Estou sensibilizada.

A máscara de Grace era dourada, apenas alguns tons mais brilhantes do tom exato de sua pele cor de jambo, com penas espalhafatosas saindo de um rubi negro entre suas sobrançelhas. Metade dos seus cachos castanhos estavam presos no alto de sua cabeça, e a outra metade caía até sua cintura.

Largou as fichas sobre o balcão, e Grace começou a contar.

— Ouvi um boato hoje — falou a moça, com seus olhos escuros e tensos, vasculhando todo o lugar. — Dizem por aí que você é uma feiticeira, por isso ganha todos os jogos.

Aisha fez um estalo com a língua.

— Sempre ganho porque jogo bem. Não há feitiçaria nisso. São boatos de maus perdedores.

Grace deu de ombros. Seu vestido, assim como a máscara, também era dourado, enfeitado com pequenas folhas de renda, que iam do corpete até metade da calda esvoaçante.

Todas as funcionárias do Merlin se vestiam bem, mas Grace sempre se superava. A cada dia, surgia com algo novo, exuberante o suficiente para uma rainha usar. Como ela conseguia aquelas roupas com o salário de balconista era um mistério. Naquela tarde, ela parecia o outono.

— Boatos ou não, se todos acreditam se torna verdade. Devia tomar cuidado. O reino está instável com toda essa política expansionista, e a notícia de uma feiticeira fora da capital...

— É um *boato*, nada mais — Aisha a cortou. — Se eu fosse uma feiticeira, estaria me entupindo de vinho em Elbereth, beijando os pés dos faes e dormindo com homens maravilhosos. — Grace corou. Aisha teria achado aquilo adorável se não estivesse tão irritada. — Nenhuma feiticeira se submeteria a morar fora da capital.

Grace suspirou e entregou-lhe um punhado significativo de moedas de ouro.

— Você diz isso, mas... — Interrompeu-se, receosa. — Com todo o dinheiro que ganha, poderia comprar um lugar na capital — ela sussurrou. — O povo está com raiva, Aisha. Raiva dos faes e de toda a capital.

Fazia dois anos desde que entrara em Merlin pela primeira vez e saíra da casa de apostas com os bolsos cheios de ouro. Desde então, via Grace todas as noites, sem falta, e nunca saía com os bolsos menos que lotados.

Apesar de não saber nada sobre a balconista, Aisha a prezava. Não que fosse sua amiga, afinal não tinha amigos e não pretendia mudar isso, mas era gentil.

— Os nobres estão com raiva de *você* — ela continuou. — Acusá-la de feitiçaria seria um caminho fácil. Ninguém hesitaria.

O olhar de Aisha amoleceu.

— Está realmente preocupada.

Grace fez uma carranca.

— É claro que estou preocupada. Não quero vê-la tostada viva!

Aisha segurou sua mão, acalmando-a. A preocupação da garota era bonita, mas ela não sabia nada sobre Aisha. Nunca saberia.

— Não se preocupe comigo. Sei cuidar de mim.

A balconista franziu os olhos, encarando-a de cima a baixo. Aisha era bonita, mas tinha plena ciência de que suas roupas eram como lixo. Isso, inclusive, já tinha sido assunto de fofoca em Merlin. Ela tinha ouro o suficiente para comprar todos os vestidos do reino se quisesse, e, mesmo assim, só vestia peças de segunda mão. Vestidos de mangas compridas e golas altas, em tons de cinza ou verde-musgo, como o que usava naquele dia. Era um desperdício, as pessoas diziam, esconder os cachos loiros e o corpo pequeno e curvilíneo embaixo daquelas roupas horrorosas.

Ela também achava que essas mesmas pessoas eram um desperdício de ar, mas nunca comentava isso.

— Devia dar um tempo — Grace insistiu. — Sumir por algumas semanas, até que a situação fique melhor.

Aisha largou a mão dela.

— Não posso. Fico grata por se preocupar, mas está tudo bem.

— Por quê? Me dê um bom motivo para não ficar duas semanas sem pisar no Merlin, e prometo a deixar em paz.

O peito de Aisha doeu. Grace não sabia o que era ter um vício; se soubesse, não estaria perguntando aquilo. Não queria jogar, mas *precisava*. Necessitava das cartas como se fossem comida, água e ar. Precisava sentir a textura do papel laminado em seus dedos, ouvir o som produzido quando caíam sobre a mesa.

— Simplesmente não posso — concluiu e afastou-se. — Até amanhã, Grace.

Não esperou uma resposta antes de sair para a cidade repleta de lâmparas e ruas de pedra, sem olhar para trás. Na próxima tarde, jogaria outra vez. E em todas as tardes que se seguissem.



Aisha jogou as moedas no cofre de ferro escondido atrás do quadro. Eram muitas, mais do que um nobre ganharia em um ano inteiro. Todas ficariam jogadas ali até o mundo virar pó e varrer cada uma delas. A última coisa de que precisava era dinheiro.

Não era dada a luxuosidades. Seu chalé tinha poucos móveis e era menor que a casa de um serviçal. Simples, pequeno e malcuidado. Como sua dona. Ao menos, o seu quarto era tolerável. Havia uma lareira de pedras, acesa para espantar a brisa invernal que finalmente chegava ao fim, uma cama macia com quatro colunas entalhadas sustentando um dossel de renda e um armário de mogno, alto e imponente. Claro, também havia aquele quadro horroroso.

Ela encarou a foto da antiga proprietária. A mulher tinha um nariz encurvado e seu rosto era gordo demais. Estava morta, e o chalé tinha sido vendido pelo seu irmão, que parecia menos infeliz do que deveria quando recebera o pagamento pelo lugar. Aisha podia entender a necessidade da mulher de se esconder nas fronteiras com o bosque. A pobre coitada era horrorosa. Talvez até as bestas assustaria.

Fechou o cofre e abriu seu armário, encarando as capas e as armas, todas jogadas em um grande bolo de roupa. Franziu o nariz. Talvez devesse começar a adotar alguns hábitos de higiene. Desabotoou os intermináveis botões nas costas e mangas de seu vestido, e o veludo rançoso caiu como uma poça aos seus pés. Ela o chutou, tentando não encarar as dezenas de cicatrizes que cobriam suas pernas torneadas.

Era uma mulher bonita para os padrões da época, mas tinha certeza de que, se a sociedade a visse sem roupas, o senso comum mudaria em um piscar de olhos. Seu corpo tinha cicatrizes demais, e as visíveis eram as que menos a incomodavam.

Aisha colocou as vestes de couro negro. Uma calça apertada, uma blusa de mangas compridas e um corpete de couro por cima. Depois, calçou suas botas e luvas e jogou a capa negra sobre tudo, cobrindo seu rosto com o capuz. Ela não usava máscaras, mas Rahil, sim.

Respirou fundo, jogando aquela ardência que escalava sua garganta para o fundo do estômago, e pegou suas adagas. *Está tudo bem*, ela repetiu como um maldito mantra.

Faria isso naquela noite, e, no dia seguinte, jogaria cartas novamente. Então, poderia esquecer que era um maldito monstro.